

Título	O Livro de Cristina: Mortificação e Vi(c)tória na vida-palavra. Sobre Cristina Victória, <i>Absoluto e Discrissão</i> . Angelus Novus, Braga/Coimbra, 2000
Autor	Rui Magalhães
Keywords	Literatura Portuguesa Contemporânea Poesia Cristina Victória
Origem	Publicado originlmente em <i>Ciberkiosk</i>
Referência	http://sweet.ua.pt/~f660/docs/Absoluto_e_discri.pdf

©Rui Magalhães – Uso livre, indicando a fonte

Tão autónomo na sua selvagem travessia – e, ao mesmo tempo, tão contido – *Absoluto e Discrissão* é o livro da verdade que se encontra não no fim de uma busca, não numa busca, mas em simultâneo com uma procura que nada sabe de si e tudo do que é. Ficção da verdade, poesia do poético invisível, jorro de luz sobre a luz mais densa, este livro é a força intempestiva da palavra que não é nome, da nomeação que o é de nada, da sensação que atordoia de tão presente e tão eterna. Livro-vida ou vida-livro, lugar onde essa distinção se anula na pura dádiva (como em Nietzsche, a todos e a ninguém), dádiva a si, de si, com o mundo no meio.

Livro da grande paisagem e da pequena gota de orvalho, da viagem e da atenção, *Absoluto e Discrissão* constitui uma teologia admiravelmente pagã e, simultaneamente, incarnada na paixão - porque de paixão se trata em todas as páginas deste livro, dessa paixão-sofrimento que é glória e mortificação e dessa outra que existe como evocação da ausência na presença das coisas, dos amores inesperados («de uma lagoa por um lago de um rio por uma serra de uma gaivota por uma nuvem de um cão por um caracol» (83)), essa espécie de não acontecimentos ou improváveis imagens.

O diálogo instala-se, desse modo subtil, no invisível espaço entre esses dois tipos de ocorrências, de objectos, com Ele, com o Irmão, o Único. Diálogo-monólogo que é, também, uma espécie de lembrete para Ele: «irmão chegamos ao mês de Abril» (85). Porque Ele precisa de ser lembrado, lá, no lugar fora do tempo, no tempo sem lugar.

Absoluto e Discrissão não nos fala – contra todas as aparências – de si mesmo nem de literatura, mas não nos fala, também, de desejo. Eis a outra solene ausência, espaço de ausência totalmente preenchido pelo diálogo-evocação do tu-eu necessário porque existente, ainda que imperceptível na lógica das coisas lógicas, ainda que invisível, ainda que silencioso.

Absoluto e Discrição também não nos fala de palavras. Nem de actos. Em rigor não nos fala. Fala-se no mais abscondito silêncio onde todas as coisas são o (seu) lugar porque não há lugar antes da união. Da inevitável união que é a «alma do mar» e/ou a dança/ausência de discrição (137) que vem antes, sempre antes da única pergunta: «irmão, és tu?» (138).

Absoluto e Discrição é a negação da própria escrita enquanto fazedora do escrito. É antes o inverso: é do escrito que nasce a palavra, a que serve para nomear a ausência e a que é usada para atravessar as múltiplas contingências que vão abrindo no corpo, pela visão da sua não existência, a Visão do que É. O nada escondido nos seios (98): «Recuso-me a escrever sobre a beleza da coisa-imagem que mata» (50).

Litania, evocação, convocação, o discreto absoluto manifesta-se simultaneamente aquém e além das palavras, diríamos, no seu eco inaudível. É por esse eco que o livro existe. Ele é esse eco. Como mensageiro dele (de si mesmo) à voz original e, indirectamente a nós, espectadores da palavra, mas essencialmente excluídos do seu eco.

O mundo existe pela perda. O mundo dos fragmentos, dos acontecimentos verdes, cinzentos, de todas as cores excepto o azul. O livro de Cristina é a indistinção ou convergência da história pessoal e da cosmogonia. História pessoal simultaneamente feita de acontecimentos, de fragmentos, de ocasiões, de factos, de mudanças e do reverso de isso tudo, o ritmo do mar no mais fundo do corpo, mesmo quando - ou sobretudo quando - «Abro a saia e a blusa de quadrados amarelos as mãos começam a girar com o meu Espírito dentro numa narrativa acima da Redenção faço-me amor por dentro das esarpas e do mar da Adraga olho os Horizontes da virtude nos dedos que passeiam no meu corpo» (51). Nessa proximidade absoluta, que corpo os dedos tocam? Corpo que se oferece? corpo que implora? corpo invisível? Corpo-Cristina ou corpo-Vi(c)tória?

Cosmogonia e egologia circulares: um existe pela ausência do outro, cada um na sua forma ou essência. De algum modo também se escrevem mutuamente porque a escrita visível é a repetição de uma escrita primordial, uma escrita do deus que escreveu o mundo, que a escreveu a ela que escreve enunciando a distância e a diferença. Donde tudo nasce. De onde? de (H)eus, o deus mudo da escrita: o deus mudo que é Desenho e que é Poesia. Mas a escrita é, ainda, o caminho para o nada final/inicial: «quando a terra estiver Nua (...) descansareis na minha visão para sempre» (87).

Como quando o candeeiro se quebra, na mesma página em que a verdade é olhada «lá fora nas gargalhadas dos Plátanos» (64): «não há maior *Intimidade* do que aquela que se tem de si para *Si* só quando for um *absoluto da chama oval* posso ser íntima do *Som verdadeiro*» (64).

Sempre a imagem-esquecimento do início, quando a escrita é o A de Atena e o A de Apolo (87): «Lembras-te do primeiro esboço de Poema?» (88).

Absoluto e Discrição desenvolve-se (nasce para a existência de si mesmo, das palavras ditas como visão da Visão) ao ritmo da dança, do convite à dança: como escrita da verdade sobre a eternidade. E nessa escrita nasce a questão simultânea de o que é o absoluto e de o que é um absoluto. A verdade, a verdade última insaciavelmente buscada ao longo destes milhares de acontecimentos-palavras está já contida nesta interrogação simultânea, no abismo que liga estas duas questões. É este abismo que guia quer a procura, quer a dádiva, porque esta só é possível precisamente porque o amor original está lá, incrustado na aura imperceptível de cada acontecimento, numa teleologia imparável, mas também indeterminável na sua lógica interna. Eis porque a discrição é tão importante: «o absoluto resplandecerá nem tarde nem cedo aqui» (7).

Porque tudo são acontecimentos, tudo é o martírio desse corpo e dessa mente na ausência do Único. Por isso ela fica «deitada contra o chão» (65), na dor-mundo, na experiência da nadificação-dolorosa que, paradoxalmente, substancializa corpo e acontecimento (na dor, no desejo, na imagem) e por isso é inevitável atenuar as dores, ir soletrando o alfabeto alheio, letra a letra, caso a caso, lugar a lugar.

Mas também por isso cada dia é a tentativa de «começar Coesa» (65) porque é preciso crer, é preciso perceber os sinais imperceptíveis, livre dos estilhaços dolorosos, dos fragmentos inconcebíveis. Também é preciso ir mudando o próprio aspecto, mudar o nome, sempre em direcção ao alto, ao antes, ao mais-fundo. Esquecer os fragmentos, acolher a Vi(c)tória no nome que reúne na sua discrição mais pura a mão da mão, o corpo do corpo, a semelhança antes da semelhança. A pele das costas não contra o chão mas na pele/peito-costas do Único, de si. É o poder evocador da palavra que se desfaz de todos os fragmentos, num desdobramento que vem de muito antes do corpo. No tempo-espaço em que já não há imagens porque «todas as imagens se esvaem na Visão» (72). Escrever pois, contra as imagens, contra os fragmentos. Escrever exactamente tudo o que as palavras não podem dizer.

«Eu quero o sonho que me é próprio, a minha história irrepitível» (121). Os acontecimentos são sonhos impróprios, alheios. E, todavia, a vida-escrita é a criação do espaço onde, algures, no momento inominado, no irrepresentável, pode acontecer o sonho próprio. Eis porque *Absoluto e Discrição* não é nem vida nem poesia: ambas se regem pelo sonho-lei impróprio. Por isso se trata de convocar o vazio não pela negação dos acontecimentos nem mesmo das imagens, mas pela criação de interstícios, de pequenas fendas-lembrança, de buracos negros

que serão, talvez, azuis. Precisamente o inverso do buraco negro das palavras onde Miguel se terá perdido (125).

A escrita é um (o) modo de não apagamento do Verbo. A escrita da criança no ventre (9), o ventre que existe para «dar à luz muitos verbos do Verbo» (9).

Porque não existe vida sem palavras, sem o Verbo (e os verbos do Verbo), os sucessivos acontecimentos narrados são criadores desses mesmos acontecimentos: «tanto me ajoelhei nas ervilhas de cheiro que aos 31 anos ainda tenho um perfume verde a nascer-me nas pernas magras» (9). E assim as pernas se tornam partes da escrita, como, de resto, o corpo todo.

Assim a vida é vivida como distância infinitamente dolorosa, distância de tudo a tudo, do viver e do dizer em relação ao ser-memória-sem tempo; mas é também nessa distância e, de certo modo por ela, que tudo acontece, que tudo adquire uma espécie de substância; é por ela que o in-significativo adquire um sentido, ainda que seja o da mortificação. E a mortificação faz-se paixão, como a de Cristo, esse outro filho de Deus.

A explicação final – parte essencial de *Absoluto e Discricção* – paradoxalmente, não o explica; antes o absorve no para além da vida, o desconstrói no que de simplesmente poético ainda poderia residir nele, tornando-o ser. Por isso, o livro de Cristina é «mais do que poesia» (141), mas também menos, naquele sentido em que o menos significa a impossibilidade de produzir uma poesia embelezadora dos sentimentos ou mesmo uma sua dramatização.

É por isso que a oposição entre escrever poesia e viver na poesia (141) se torna determinante. Porque as palavras podem ser uma prisão: «terá ficado preso nalguma Palavra irredutível?» (59). A palavra pode ser, neste sentido, equivalente da melancolia (59), geradora, eventualmente, de dramatizações, isto é, de poesia. Ter-se-á o outro, o irmão, perdido no universo das palavras? *Absoluto e Discricção* é, também, pela sua negação radical da poesia, um imenso exorcismo desses pequenos feitos que nascem da fome, da sede, do desespero, da melancolia: «É claro que a Porta se esconde cada vez mais» (33). Mas «será somente um problema de paciência» (33).

A Vida, a Dança, a Paciência, são os modos da espera que não é espera mas criação do inevitável. Daí que «os reflexos da chuva nos vidros do carro são incapazes de reter a salvação do mar» (43).

Este livro existe sobre o que não existe na forma comum da existência, nem, tão-pouco, na sua forma poética. Daí que o centramento total e o total descentramento sejam equivalentes

pela força dos saberes instantâneos e da simultânea conformação com a inviolabilidade da eternidade: «Ficamos sempre nos limites da Paixão» (51).

«O que vejo não é o meu corpo, mas o corpo do pensamento que vem sobre ele» (10). E é nesse corpo do pensamento que se dá o reconhecimento. Esse corpo do pensamento não é nem o corpo presente, nem o corpo imaginado, mas aquele que talvez tenha ficado lá atrás no tempo «ajoelhada, a lembrar-lhe que nunca me abandone» e a pedir-lhe «que me mandasse o Príncipezinho vestido de meu irmão» (9).

Absoluto e Discrção é, enquanto percurso de reconhecimento, a negação do reconhecimento quer por via do outro, quer por via da própria imagem de si. Um e outro, embora presentes, afastam-se do núcleo quase teológico, constituindo, a um tempo, formas de expectativa e tentações poéticas: «a visão é uma presa que pede libertação» (63). Sob a forma de convite constante, exaustivamente repetido ou reiniciado, *Absoluto e Discrção* é a realização do convite – sem real convidado – a não ser esse «coração infantil» ao qual se pergunta: «queres ir ao Apocalipse libertar a Visão?» (63).

Mas, às vezes, nada disto é suficiente: «Miguel, tens que ter forma humana» (70). E o convite torna-se convocatória, a evocação, entrega.

No entanto, nada disso tem o nome da plenitude; plenitude seria ainda uma forma de acontecimento-fragmento: a evocação é o pedido do testemunho da mudança, dos acontecimentos, «das formas femininas com cheiro de acabamento» (70). A viagem é para o incompleto, para o imediatamente a seguir ao início.

O incompleto não é um início, mas o ponto culminante de um processo, precisamente aquele em que a morte do nome impróprio porque falsamente originário, deixa ver o brilho da incompletude, esse silêncio que tem a forma aparentemente vi(c)toriosa de um novo nome, mas que não é senão o nome do apelo.

Por todas estas razões, *Absoluto e Discrção* não é um livro, não é uma vida narrada, não é um cosmos nem é um caos. É, simplesmente, a Imperfeição (que faz do absoluto um verbo» (135). Verbo-corpo-(santo). Uma (a) espera. O nome da espera. O último corpo antes do corpo Santo. O absoluto. O corpo antes, depois e durante os dois corpos: o celeste e o terreno (77). Os dois corpos, dois seios: «um, o anjo, o outro, a cadela com cio» (77). Ou a ambição desmedida de «tocar o sangue exterior da Rosa» (45).

Sempre «guiada por um sentimento de Impossível» (119), nem por isso este espaço *entre* é, em si, de carácter negativo: «Cebastiana vê um *lugar fechado*. Uma casa formada por Verbos entra e fica presa. Não entra em pânico. Não sente *claustro-fobia* visualiza uma porta da casa outra casa chamada Aberto entra no Tempo que é a casa de uma *Esfera Quadrada*» (120). O desespero, a solidão, o não reconhecimento nas imagens, mesmo a distância mais absoluta constituem formas de, sublinhando, precisamente, essa distância, abrir a palavra (e a alma) ao Impossível-inevitável. «Torna-te naquilo que és» (117) não é sequer um apelo (os apelos têm, em Cristina, um outro eco) mas uma afirmação.

«Alguém quer ouvir-me?» (114) é uma voz nascida do mais fundo silêncio que o não quebra. Momentos de dúvida, talvez, mas de uma dúvida quase divina, que se sabe marcada a fogo pelo Impossível-inevitável. Donde a quase indistinção entre o real e o sonho (121), faces inteiras de uma vida que é abismo de vontade mas de uma Vontade sublimemente original, vontade de viagem realizada como futuro ao Coração Infantil.

Escrever sobre *Absoluto e Discrição* é impossível e sacrílego (por isso escrevi o menos possível e citei o mais possível). Nunca a nossa escrita se integrará nem sequer combinará ou dialogará com a de Cristina Victória. Para sempre arredados da verdade e da eternidade, recebemos a dádiva da palavra, a dádiva do corpo, nesta inevitável espécie de consubstanciação, mas que nos torna paisagem, que nos torna ninguém. Cada uma das nossas palavras é excluída, e apenas pode provocar uma espécie de alarido absolutamente inútil. Por mais que as palavras se enamorem das palavras, por mais que tentem furar a impermeabilidade do silêncio essencial pela via das palavras que constituem a materialidade do livro, da narrativa. Podemos apenas aspirar a tornarmo-nos paisagem de mais um acontecimento, de mais uma imagem, de mais um pequeno mundo que, todavia, não será nunca cicatriz no espaço-tempo do que, eternamente, se reinicia. Como as «cabeças sequiosas dos habitantes» (67). Não livro ou livro ilegível, *Absoluto e Discrição* toca-nos a alma e reduz-nos a pele, a olhos que percorrem linhas e linhas que, para nós, serão sempre linhas-palavras. Embora saibamos que são tudo menos isso. Eis a face- tragédia que nos toca, sem a alegria (breve?) de quem, apesar de tudo, tem nas pontas dos dedos, a magia de fazer brilhar o brilho, mesmo o brilho da ausência. Eis a nossa condenação, final, absoluta e discreta.

Shalom, Cristina.